

## As palavras e as coisas do contato

# 3

### Os neologismos Kali'na (Guiana Francesa)

Odile Renault-Lescure\*

A experiência do contato vivida pelas sociedades ameríndias traduz-se, lingüisticamente, de modos extremamente variados. Existem, por exemplo, situações tão diversas como a dos Matis do Brasil, relatada por Erikson (1988), e a dos Malinche, do México, descrita por Hill & Hill (1986). Os primeiros opõem uma forte resistência à introdução de objetos manufaturados em sua vida cotidiana, bem como ao empréstimo no léxico de seu idioma, enquanto os segundos falam uma língua sincrética, o mexicano moderno, criado a partir do nahuatl e do espanhol, numa estratégia lingüística em que os diversos registros, formas indígenas, formas espanholas e seus novos usos são utilizados pelos locutores em função de sua apreciação das situações de contato. O exemplo do Kali'na,<sup>1</sup> em sua variedade falada do Rio Maroni ao Oiapoque, incluindo as margens surinamesa e brasileira desses rios, apresenta ainda uma outra atitude lingüística ante as palavras e as coisas dos brancos.

Os Kali'na orientais fazem parte de um importante povo da família lingüística Caribe, ocupante de um território que se estende desde as savanas do nordeste da Venezuela até o

\* Institut de Recherche pour le Développement (IRD). [lescore@caiena.cayenne.ird.fr](mailto:lescore@caiena.cayenne.ird.fr)

1 "Galibi" é um dos nomes dados a este povo pelos colonizadores, no caso, franceses. O fato de esse nome ser também utilizado no Brasil para designá-los deve-se a que os Kali'na instalados na margem direita do baixo Oiapoque são originários do Mana, na Guiana Francesa, região que deixaram em 1950. Os Kali'na foram chamados de *Caribs* ou *Caribisce* pelos ingleses, *Cariben* pelos holandeses, e *Caribes* pelos espanhóis.

O contato introduziu uma especialização na denominação; os Kali'na se referem à mestiçagem ou país de residência, para introduzir novas denominações:

- *tiwewuyu* designa os Kali'na orientais, grupo de que tratamos aqui. A etimologia popular dá-lhe o sentido de "verdadeiro kali'na".
- *milato* (do espanhol *mulato*) e *kabukulu* (do crioulo surinamense *kaboegro* "mestiço de negro e hindu, de negro e de mestiço, de negro e de índio") designa os Kali'na ocidentais, oriundos da mestiçagem com negros *maroons*.
- *palansisin kali'nali*, "os Kali'na franceses".
- *olande kali'nali*, "os Kali'na do Suriname".
- *pulutekesi kali'nali*, "os Kali'na brasileiros".

norte do Amapá. Já instalados nessa região na época da Conquista, e inseridos numa densa rede de relações intertribais,<sup>2</sup> os Kali'na entraram em contato com os europeus já no século XVI (Grenand & Grenand, 1990). Holandeses, portugueses e franceses<sup>3</sup> foram os principais colonizadores que os Kali'na tiveram de conhecer e distinguir uns dos outros para definir suas estratégias de aliança. A emergência de novas sociedades nascidas da colonização colocou-os, além disso, diante de vários grupos crioulos e *maroons*. Confrontaram-se, assim, na Guiana, com uma situação de contato social e culturalmente diversificada.

Quando os primeiros europeus chegaram, a exploração do meio natural, associada a um habitat semipermanente, organizava-se em torno de atividades de caça, pesca, coleta e agricultura de coivara, atividades cuja importância respectiva variava de acordo com a diversidade ambiental. Com a diminuição do território kali'na, a degradação do que restou da mata e a redução da caça, as zonas costeiras, os baixos cursos dos rios, os estuários e o mar, dada a sua importância para a pesca, tornaram-se zonas privilegiadas de exploração econômica. A redução territorial foi, portanto, acompanhada por modificações técnicas, econômicas e sociais, cujo eco ressoa até hoje nos relatos históricos.

Como conta um xamã, naquela época, em que só havia índios, estes não conheciam as roupas (*kamisa*),<sup>4</sup> mas hoje, todos andam vestidos e calçados; e ele insiste no fato de que a diferença entre o passado e o presente reside na introdução de objetos manufaturados:

Naquele tempo, os índios não tinham todos esses tipos de coisas; os Kali'na só cozinhavam em potes de cerâmica; os pratos e cuias de caxiri também eram de cerâmica; nelas eram preparadas as bebidas quentes. Agora, olhe, olhe à sua volta. Antigamente, os Kali'na não conheciam essas coisas, não; nem mesmo o que fumamos atualmente. Só conheciam o charuto indígena (*ulemali*).

Cada Kali'na poderá citar palavras utilizadas para denominar esses objetos introduzidos, sublinhando seu caráter estrangeiro. É o que ocorre com *sapato*: dirão que não é uma palavra kali'na, e sim espanhola, embora o próprio falante vá em seguida “calçar os sapatos”, “tirar os sapatos”, “amarrar os sapatos” à moda kali'na, isto é, integrando a palavra no funcionamento morfossintático de sua língua:

*sapato*;  
*wesapatokae*, “tiro meus sapatos”.

Do mesmo modo, poderá substituir *sapato*, termo que se tornou genérico, por *pakipaki* (formação onomatopaica) ou *sawatî* (do crioulo guianense *savat*), para designar os chinelos que costuma ter nos pés. Acrescente-se a essa diversificação léxica uma extensão semântica

2 Cerca de trinta povos habitavam, na época, o espaço guianense atualmente ocupado por apenas seis.

3 É importante notar que o litoral guianense foi descoberto pelos espanhóis no século XVI, que deixaram uma marca considerável no vocabulário.

4 Ver convenções gráficas no final do artigo.

ao domínio zoológico, real ou mítico: “Foi assim que outrora, no tempo antigo, o veado roubou os ‘sapatos’ (cascos) da tartaruga”.

A introdução de novos objetos entre os Kali’na provocou uma resposta lingüística que consistiu na criação de signos para denominá-los. Reunidos, esses signos formam um novo léxico, um *corpus* lingüístico “moderno” no qual a nossa análise procura evidenciar o trabalho de uma lógica cultural específica perante a história do contato.<sup>5</sup>

Os elementos da experiência do contato constituem os referentes a partir dos quais são elaboradas as denominações. Entre a realidade percebida e sua expressão lingüística ocorre aquilo que Pottier (1987, p.44) chama de “percurso de denominação” e que descreve do seguinte modo:

	(a)	(b)
<i>referente</i>	⇒ <i>conceitualização</i>	⇒ <i>escolha de um signo lingüístico</i>
(real ou imaginário)	⇒ (representação)	⇒ (adequação relativa)

A operação que leva do referente ao signo lingüístico que o denomina é feita em duas fases: em (a), “baseia-se na aptidão do sujeito falante de conceber seu referente (percepção-concepção)”; em (b), “consiste em buscar o nível de adequação desejado” (p.44). Esse percurso baseia-se no princípio segundo o qual “para todos os referentes habituais de uma cultura, a língua dispõe de uma denominação que vem imediatamente à mente da comunidade”, e que será a “lexia mais adequada, sem busca conotativa para designar o referente” (p.45). Nesse caso, trata-se de uma denominação imediata, à qual podemos opor os casos de denominação mediata, que requerem uma operação suplementar. As denominações neológicas, que procuram dar conta de referentes não habituais, pertencem, portanto, a esse segundo tipo e recorrem a diversos processos conotativos. Essa operação coloca simultaneamente em jogo, de um lado, os hábitos sociais e as necessidades individuais, e do outro, a competência lingüística.

A palavra *palanakilî*, “branco”, servirá de exemplo. Sua etimologia popular e a maior parte das etimologias fornecidas por pesquisadores dão a esse composto o sentido de “espírito do mar”. Sua análise apresenta os seguintes elementos:

*kîlî* “espírito de”, proveniente da forma *akilî*, que perde sua vogal inicial quando os elementos se juntam na composição (Renault-Lescure, 1983);

*palana*, “mar, ondas”, designa o oceano, na costa norte da Guiana.

A literatura antropológica estabelece uma classificação dos vários espíritos evocados pelos Kali’na e descreve seus poderes específicos. Goeje (1955) escreve, por exemplo, que a cate-

<sup>5</sup> Este trabalho baseia-se no léxico que acompanha meu estudo da evolução léxica do Kali’na (Renault-Lescure, 1985) e retoma certos elementos de análise da neologia apresentada neste texto.

goria *akire*<sup>6</sup> denota os espíritos justapostos às coisas (opostos aos espíritos ligados à sua essência), designando-os, especificamente, como espíritos da natureza ou dos elementos, incluindo entre eles o espírito das águas. Kloos (1971) explica que a categoria *akii* contém espíritos pertencentes aos rios, às árvores, às pedras. A chegada dos brancos por mar teria, assim, motivado a determinação *palana* e explicaria a escolha de *akii* para designar o desconhecido. Aparentemente, não havia espírito do mar na mitologia kali'na.

Atribuem-se aos espíritos *akii* poderes nefastos, assim descritos por Goeje (1955, p.30):

Esse espírito pode ter uma influência nefasta sobre o ser que domina ... Esses espíritos inspiram o medo à sua volta ... Uma pessoa possuída por um *akire* pode fazer adoecer os outros membros de sua tribo se os chamar pelo nome. Já houve até quem morresse por isso.

E, mais adiante, ele acrescenta: "Os espíritos das águas podem provocar a chuva e tumultuar as águas dos rios e podem também trazer doenças" (p.60). Esse lado nefasto é sublinhado pelo verbo *akito*, "dar um mau espírito a alguém", registrado por Kloos (1971), e que pode ser decomposto num radical nominal *aki* (*i*)- e um sufixo de verbalização cujo sentido é "fornecer a um beneficiário o objeto designado pelo radical nominal".

O perigo representado pelos *akii* pode ser neutralizado por meio de plantas mágicas e essa é uma das precauções que se deve tomar em relação aos espíritos. Confirma-se que os brancos pertencem à categoria dos *akii*, já que os Kali'na empregam tais mediadores em relação a eles. Ahlbrinck descreve, assim, o *obia* ou "objeto com poder mágico" do branco, destinado a "afastar o mau espírito que supostamente emana dele" (1956, p.292, 294). Kloos (1971) cita duas plantas utilizadas por seu poder mágico sobre os brancos e destinadas a torná-los amistosos em relação aos índios. Ainda hoje faz-se uso dessas plantas *tulala* (*Caladium sp.*, apud Kloos, 1971).

Essa descrição dos espíritos *akii*, acrescentada à experiência que os Kali'na tiveram do contato – mencionaremos apenas a queda demográfica que os reduziu de 5.500 em 1600 para 200 em 1790 (Grenand & Grenand, 1990) – permite compreender o procedimento metafórico utilizado para denominar os brancos. A história posterior das relações interétnicas suscitou novas denominações que, quando estudadas em suas interconexões, completam a representação dos brancos no universo cultural kali'na.

Desde 1654 há registro da forma *palansisin*, emprestada do português *francês* ou do espanhol *francés*, para designar os franceses. A ela foram acrescentadas *pulutekesi*, "português", e, mais tarde, "brasileiro", e *olande*, "holandês", e, mais tarde, "surinamense", emprestado do francês "Hollandais". O vocabulário mostra, assim, uma distinção das diversas nações européias coloniais e uma diferenciação progressiva do campo semântico de *palanakii*.

A tais distinções vão-se acrescentando outras que traduzem relações diferentes das que se estabeleceram com os Estados-nações dominantes. Por exemplo, o denominativo *sipolii*, empréstimo da gíria dos presidiários em Caiena, com sua evolução semântica: "homossexual,

6 A ortografia é do autor.

preso, velho-branco”,<sup>7</sup> é atualmente empregado num registro familiar para designar o branco e refere-se a uma experiência particular de contato. Os Kalí’na da Guiana, principalmente os do baixo Maroni, viveram quase um século na vizinhança da penitenciária de Caiena, convivendo esporadicamente com a presença, às vezes violenta, dos presos, o que transformou a visão que antes tinham dos brancos, desmistificando por completo aqueles que foram inicialmente tomados por espíritos.

É nessa perspectiva que o trabalho de criação lingüística irá oferecer-nos alguns dos fios condutores para entender como os Kalí’na interpretaram a sua experiência do contato. Estudando primeiro as relações que ligam as palavras novas a seus referentes, tentarei isolar os elementos retidos nessa experiência e depois conceptualizados, e também as várias motivações que puderam surgir na escolha destes signos. O estudo da organização de alguns campos semânticos formará a segunda parte do trabalho, em que são definidos segundo a semântica contemporânea, a partir de microcampos de experiência (Pottier, 1970). Encerrarei com algumas observações acerca das relações entre o dinamismo lingüístico e a estratégia de resistência cultural kali’na.

## O percurso da denominação

O vocabulário ligado ao contato interétnico, ou seja, o conjunto dos neologismos,<sup>8</sup> é composto por signos lingüísticos cuja criação decorre de vários procedimentos diferentes. A língua pode criar palavras completamente novas, neologias fonológicas, representadas em kali’na por algumas formações onomatopaicas, como *kolotoko*, “galinha, galo”; pode também utilizar significantes já existentes, dotando-os de novas significações, como no caso de *alakaka*, “tartaruga”, que passou a significar “roldana”; pode, ainda, combinar de forma inédita elementos léxicos e gramaticais existentes, como em *wewe kototopo*, literalmente, “o que serve para cortar as árvores”, “motosserra”, formado por um radical verbal *koto*, “cortar”, nominalizado por um sufixo de transferência de classe *-topo*, com sentido instrumental, e um determinante *wewe*, “árvore”; pode, finalmente, tomar emprestadas palavras de outras línguas, como *aleisi*, “arroz”, do crioulo surinamense *areisi*.

## Os empréstimos

Registrado desde os primeiros tempos da colonização, o empréstimo é um procedimento cuja grande produtividade pode ser constatada desde os primeiros levantamentos de vocabulário kali’na do século XVII:<sup>9</sup>

7 A palavra “velho-branco” designa os ex-presidiários libertados sob a condição de permanecerem em território guianense.

8 Assim chamados já que, embora a definição clássica de neologia como “criação recente” nem sempre se aplique, continua adequada em sua conotação de novidade na língua.

9 A transcrição das palavras kali’na é da autora.

*asikalú*, “cana de açúcar” do espanhol *azúcar* (Biet, 1896);  
*pele*, “cão” do espanhol *perro* (Pelleprat, 1655);  
*pila*, “vela” do espanhol ou do português *vela* (Boyer, 1654);  
*kawale*, “cavalo” do português *cavalo* (Pelleprat, 1655);  
*palantuwini*, “aguardente, rum” do holandês *brandewijns* (Boyer, 1654).

Esses empréstimos das línguas dos colonizadores foram seguidos de empréstimos das línguas das sociedades oriundas da escravidão, as línguas crioulas do Suriname e da Guiana:

*keleke*, “igreja” do crioulo surinamense *kerki*;  
*lakele*, “chave” do crioulo guianense *lakle*.

Um fundo comum de incorporação antiga pode ser observado: são todos os empréstimos do espanhol ou do português, os empréstimos do holandês e do francês, cuja forma foi adaptada ao sistema fonológico da língua (exemplos acima), bem como uma parte dos empréstimos do crioulo do Suriname:

*sipunu*, “colher” do crioulo surinamense *spoen*;  
*sukulu*, “açúcar” do crioulo surinamense *soekroe*;  
*pelele*, “pão” do crioulo surinamense *brede*.

Os empréstimos mais recentes apresentam uma distribuição geográfica ligada, em primeiro lugar, às diversas línguas de contato e, em seguida, às atitudes em relação a outras comunidades linguísticas. Assim, os Kali’na ocidentais, entre os quais o contato com a língua crioula do Suriname é antigo,<sup>10</sup> utilizam empréstimos dessa língua; os originários do Suriname utilizam-nos de forma exclusiva, com oscilações de emprego nos outros grupos, ao passo que os Kali’na orientais usam muitos empréstimos da língua crioula da Guiana Francesa. Assim surgiram variantes léxicas regionais, como:

*suman*, do crioulo surinamense *soeman* e  
*munu*, do crioulo guianense *mun*, “uma pessoa, alguém”;  
*sikopu*, do crioulo surinamense *skopoe* e  
*lapel*, do crioulo guianense *lapel*, “pá”;  
*kalasinoli*, do crioulo surinamense *karsinoli* e  
*sisí*, do crioulo guianense *chis*, “querosene”.

Atualmente vão surgindo outras formas, com influência do holandês e do francês:

*a’ama*, do holandês *hamer* e  
*maloto*, do francês *marteau*, “martelo”.

<sup>10</sup> Lembremos que os Kali’na se reagruparam, no século XIX, na zona do baixo Maroni, rio na fronteira com o Suriname, onde viviam isolados da colônia. Em meados do século XIX, a criação de Albina, pequeno centro comercial, atraiu diversas populações: chineses, hindus, javaneses, crioulos, holandeses, índios aculturados, *Ndjuka* e outros negros *maroons* do alto e médio Maroni, Wayana e Arawak (Kloos, 1971). Isso permite compreender melhor o papel veicular da língua crioula e sua importância nas trocas.

Além dessas variações regionais, há outras ligadas às categorias de idade no seio de um mesmo grupo. A camada dos falantes idosos utiliza, em ordem de preferência, empréstimos do crioulo surinamense e, em seguida, do crioulo guianense, enquanto os empréstimos do francês e do holandês caracterizam as jovens gerações que freqüentaram a escola:

*sikolo*, do crioulo surinamense *skolo* e  
*lekol*, do crioulo guianense *lekol*, "escola";  
*siloto*, do crioulo surinamense *sroto* e  
*lakele*, do crioulo guianense *lacle*, "chave"

ou:

*bwetɨ*, do crioulo guianense *bwet* e  
*bwat* do francês *boîte*, "caixa"  
*puwela*, do crioulo guianense *pwela* e  
*baç*,<sup>11</sup> do francês *bâche*, "lona".

Finalmente, percebe-se também uma relação entre empréstimos de determinada língua e áreas semânticas. A maior parte dos nomes de tecnologias, de plantas e de animais introduzidos são empréstimos do espanhol ou do português (*ankala*, do espanhol *ancla*, "âncora"; *potɨiya*, do espanhol *badea*, "melancia"; *pɨilugu*, do espanhol *puerco* ou português *porco*; *paka*, do espanhol ou português *vaca*) ao passo que os termos relativos à divisão do tempo, às festas, às atividades comerciais são, em geral, emprestados da língua crioula do Suriname (*yulu*, do crioulo surinamense *joeroe*, "hora"; *nuyali*, do crioulo surinamense *njoenjari*, "ano novo"; *wenkele*, do crioulo surinamense *wenkri*, "loja"; *wekima*, do crioulo surinamense *weki*, "pesar"). Os empréstimos que designam produtos ou objetos domésticos dividem-se, atualmente, entre as diversas línguas crioulas (*çuitçoli*, do crioulo surinamense *swit'oli* ou *dilwil*, do crioulo guianense *dilwil*, "azeite"; *pesele*, do crioulo surinamense *fensre* ou *lafinet*, do crioulo guianense *lafinet*, "janela").

Os empréstimos aparecem, aqui, intimamente relacionados à cronologia e à natureza dos contatos com os diversos grupos: os primeiros colonizadores e aquilo que trouxeram marcaram o vocabulário das atividades de subsistência, ao passo que as palavras emprestadas das línguas crioulas denotam a aprendizagem de um convívio com sociedades diferentes.

Esses empréstimos são fonologicamente integrados ao kali'na em graus diversos, geralmente em função do momento em que foram introduzidos. Essa integração estende-se no tempo e segue processos regulares que podem ser resumidos em três pontos:

11 O signo ç transcreve um som próximo ao do x português em xarope, precisamente o som do ch alemão em ich. É representado por esse símbolo em empréstimos que não estão fonologicamente integrados.

1 A língua substitui um fonema desconhecido por um fonema de seu próprio inventário, segundo mecanismos de seleção de modos e de pontos de articulação;

2 Para os fonemas que possuem equivalente em kali'na, a língua reserva um tratamento alofônico, seguindo suas próprias regras;

3 Quando aparecem grupos consonânticos impróprios no kali'na, a língua insere vogais para restabelecer seu próprio esquema silábico.

Um exemplo pode ilustrar essas regras:

francês *biscuit* [biskyi] > kali'na *pisukuwi* [pi:çuku:i], "biscoito".

As oclusivas sonoras não integram o inventário das consoantes iniciais em kali'na: *b* é substituído pela oclusiva surda correspondente *p*; a consoante *s* segue um *i* e assume uma articulação palatal, de acordo com a regra de palatalização do kali'na (*s* tornado *ç* junto ao *i*); são inseridas vogais entre as consoantes do grupo central, a fim de restabelecer um esquema silábico adequado; a escolha da vogal é motivada pela articulação anterior da consoante central.

No decorrer da evolução do léxico, surgiram várias modificações, sendo as mais importantes a integração de um novo fonema *f* e a colocação inicial das oclusivas sonoras:

crioulo surinamense *frigi* > kali'na *filiki*, "pipa";

crioulo surinamense *bokiti* > gal. *boketi*, "balde".

Em vários casos de empréstimos recentes, as palavras são integralmente transferidas na forma original e é difícil prever sua futura integração fonológica, uma vez que o contexto sociolingüístico do qual surgiram os empréstimos anteriores não é mais o mesmo.

Veremos a seguir que a integração morfossintática dos empréstimos não é feita do mesmo modo nas várias classes gramaticais.

### a) Os substantivos

A introdução dos substantivos não exige nenhuma adaptação especial. São integrados na classe equivalente na língua kali'na, obedecendo ao seu funcionamento e recebendo seus modificadores semânticos:

*winumenpo* formado de *winu*, "vinho" e do sufixo diminutivo *-menpo*, referindo-se a uma pequena quantidade: "um pouco de vinho", "um copo de vinho";

*pilînpo* formado de *pil*, "lanterna" e do sufixo *-npô* que indica que o elemento ao qual está sufixado está fora de uso ou de função: "lanterna cuja pilha está gasta" ou *sundatînpô*, "policia! aposentado".

Os substantivos emprestados recebem igualmente os morfemas de transferência de classe do kali'na:

*lakele*, "chave";  
 -'to, verbalizador transitivo;  
*lakele'to*, "trancar algo a chave";  
*motolî*, "motor";  
 tî...ke, afixos de adjetivação;  
 tî*motolîke*, "a motor".

Por sua vez, essas novas palavras podem ser modificadas:

-n, sufixo de nominalização dos adjetivos;  
 tî*motolîken*, "aquele que tem motor";  
*talala tîmotolîken*, "a bicicleta que tem motor", "motocicleta".

Os substantivos kali'na dividem-se em duas subclasses: a dos substantivos livres e a dos substantivos dependentes, e estes últimos só podem aparecer no enunciado no âmbito da determinação possessiva. Aqui, a categorização subjacente é a da posse alienável ou inalienável. O domínio semântico do inalienável engloba as partes de um todo, os membros de uma rede de parentesco, os objetos com que se tem uma relação íntima. Esta última divisão agrupa substantivos que apresentam radicais específicos e aos quais correspondem formas livres diferentes:

-*aponî*, "banco de";  
*mule*, "banco";  
*yaponî*, "meu banco".

Esses substantivos com vocação de determinação possessiva têm a possibilidade de absorver novos referentes e irão desempenhar esse papel junto a certos empréstimos. Assim, *îlapalî*, "meu arco", que corresponde à forma livre *paila*, "arco", assumirá o sentido de "minha espingarda" após a introdução do empréstimo *alakaposa*, "espingarda". Outros exemplos ilustram esse tipo de integração na língua, como *pusipusi*, "gato", ou *pele*, "cão", que se tornam *yekî*, "meu gato, meu cachorro", utilizado para todos os animais domésticos; ou como *bedi* ou *litî*, "cama", que se transformam em *patî*, "minha cama", utilizado também para a rede, "minha rede", e que poderíamos tentar traduzir como "meu lugar por excelência".

Finalmente, os empréstimos integram-se ao nível semântico da língua e mudam de sentido ao longo do tempo: *mati*, do crioulo surinamense *mati*, "camarada" acrescentou a esse primeiro sentido o de "crioulo, negro", com a tendência do segundo sentido a eclipsar o primeiro. Adquiriram novos elementos de significação, seja no mesmo campo da experiência, como *sipunu*, "colher", depois "garfo", seja em outro campo, como *kosu*, "meia", depois "manga de lamparina".

## b) Os verbos

Os verbos, em kali'na, se dividem em duas classes gramaticais, de acordo com suas relações actanciais, isto é, dependendo de se a ação expressa implica dois participantes, o agente

e o paciente dos verbos transitivos, ou apenas um, o agente dos verbos intransitivos. Formalmente, a distinção aparece nos paradigmas dos prefixos que designam esses participantes:

*suta'kai*, "o esqueci".

O prefixo pessoal *s-* refere-se a uma primeira pessoa agente ("que realiza a ação") e a uma terceira pessoa paciente ("que é objeto da ação");

*yuwae*, "danço".

O prefixo *y-* designa uma primeira pessoa agente.

O empréstimo de formas verbais requer um ajuste inicial que varia de acordo com a categoria de actância. Essas formas verbais são consideradas como formas nominais. Uma é integrada à categoria dos verbos transitivos por sufixação à sua forma emprestada de um morfema de verbalização que é, aliás, comumente utilizado para a transferência de substantivos à categoria dos verbos transitivos:

crioulo surinamense *lesi*, "ler" > kali'na *lesima*, "ler" (transitivo);

crioulo surinamense *weki*, "pesar" > kali'na *wekima*, "pesar" (transitivo).

Esses verbos poderão ser intransitivados pela prefixação regular de um morfema específico:

*bekima* "rezar" (transitivo);

*webekima* "rezar" (intransitivo).

As outras formas verbais são mantidas em forma nominal e utilizadas com função predicativa, na seguinte estrutura de enunciado:

francês *pêcher*, "pescar" > kali'na *peçe*, "pescar com rede";

*peçe poko wisa*, "vou pescar", literalmente, "vou ocupado na ação de pescar";

francês *visser*, "aparafusar" > kali'na *vise*, "aparafusar";

*vise poko kanaiyan*, "ele aparafusa", literalmente, "ele está ocupado na ação de aparafusar".

Existe, portanto, uma diferença na integração dos empréstimos verbais que são incluídos na classe gramatical dos verbos transitivos ou na dos substantivos. Os empréstimos nominais, que designam seres e objetos, são incluídos, em sua totalidade, na classe dos substantivos, ao passo que os empréstimos verbais, que designam ações, são distribuídos em classes gramaticais diferentes.

Nessa diferença de tratamento, encontramos um traço geral do processo de conceitualização da experiência que distingue o que se refere às coisas e aos seres e o que designa as ações (Pottier, 1987). Aqui, poder-se-ia talvez lançar mão da análise de Lecaillon (1989) que, para estudar os processos de mudança cultural, retoma a distinção de Bastide (1973, p.141) entre dois níveis de análise, o "material", que se refere às coisas concretas, e o "formal", que diz respeito à transformação das estruturas perceptivas, lógicas e afetivas dos indivíduos e dos grupos. Assim, os empréstimos nominais, referindo-se aos seres e às coisas, domínio do

material, podem juntar-se aos outros sem requerer ajustes, ao passo que os empréstimos verbais, referindo-se às ações, domínio do formal, não podem simplesmente ser inseridos numa classificação preexistente; requerem uma reinterpretação conceitual, cujos contornos podem ser percebidos no tratamento variável que lhes é dado.

## Os neologismos de forma

A denominação de referentes novos leva também à criação de novos signos lingüísticos a partir de elementos léxicos e gramaticais já existentes na língua e reunidos de acordo com procedimentos gramaticais regulares de derivação e de determinação.

As lexias assim formadas têm um caráter descritivo, apresentando nelas próprias os elementos de sentido escolhidos para descrever o novo. Estes constituirão seu significado (por exemplo, *kawale elepali*, "a comida do cavalo", que, num campo de experiência particular, desemboca num designado preciso: o "capim de cheiro").

O procedimento de nominalização de uma base verbal, adjetival ou posposicional é extremamente produtivo.

Os nominalizadores verbais utilizados indicam:

- o agente da ação verbal:

*emepanen* significa "aquele que ensina", o professor.

- o lugar da ação ou do estado, ou o instrumento da ação:

*omepatopo* significa "o lugar onde se aprende", a escola;

*untimatopo* significa "o instrumento com o qual se dirige, o que serve para dirigir", o volante.

- o resultado da ação:

*atokɨpo* significa "o que foi costurado", uma costura.

Os nominalizados a partir de uma base transitiva aparecem, geralmente, num quadro sintagmático que manifesta a relação com o objeto:

*yewano unkanen*, "o que arranca os dentes", o dentista;

*wiwɨ apitopo*, "o que serve para segurar o machado", o cabo do machado.

O nominalizador adjetival indica a atribuição a um ser ou a uma coisa da qualidade denotada pelo adjetivo:

*tikaken* significa "aquele que é gordo", o prefeito (Procurador de União).

O nominalizador posposicional indica a aplicação a um ser ou a uma coisa daquilo que a posposição exprime. Como a posposição é um relator por definição, não funciona sem o nome que rege:

*yuka pono* significa "os que estão no rio Yuka, que vivem em suas margens", os Negros *maroons*.

A sufixação de modificadores semânticos permite também formar lexias, ainda que de modo mais limitado; são utilizados o diminutivo e o exclusivo:

*talalamempo*, "a pequena roda", o carrinho de mão;

*kamisanpo*, "tecido ou roupa fora de uso, que já não é o que era", um trapo.

A determinação é um outro procedimento de criação léxica relativamente utilizada quando é apositiva:

*tuna t̄ipopolen*, "a água, a que é cheirosa", o perfume;

*p̄lata sik̄i*, "o dinheiro, os elementos pequenos", as moedas.

É extremamente produtiva quando expressa uma relação de posse. O núcleo do sintagma de determinação possessiva é um substantivo livre:

*motol̄ apukuit̄i*, "o remo do motor", a hélice;

*pulutekesi kontelēi*, "o país dos portugueses", o Brasil.

ou um substantivo ligado:

*sanpula nulu*, "a língua do tambor", a lingüeta de ressonância do tambor;

*sipi enulu*, "o olho da rede", a malha da rede;

*sapato lal̄i*, "o plano do sapato", a sola do sapato.

Vimos acima que um dos campos semânticos coberto pelos substantivos assim ligados era o de "parte de um todo". A neologia utiliza bastante esse tipo de formação. Certos nomes de partes do corpo são, assim, muito usados na descrição espacial dos objetos, e o sentido figurado, que aparece no emprego com inanimados, já é muito difundido:

*esipi* 1. "lábio inferior"

2. "beira"

*nimoku esipil̄i*, "beira de rede";

*wom̄in esipil̄i*, "beira de roupa", a bainha;

*sipi esipil̄i*, "beira de rede de pesca".

Não podemos deixar de aproximar esse fato do que Hagège (1982, p.118) chama de "antropologia casual"<sup>12</sup> para designar o papel do corpo humano na designação do espaço.

*palana esiwō*, "à beira do mar";

*palana*, substantivo, "mar"; *esiwō*, posposição, "à beira de".

<sup>12</sup> Hagège fala de "antropologia casual" quando as marcas de casos "na frente", "atrás", "em", "sobre", "sob" etc. provêm dos substantivos "rosto", "costas", "ventre", "cabeça", "pé" etc..

A gramaticalização dos nomes de partes do corpo teve um papel importante para as posposições espaciais em kalí'na, mas a neologia, ainda que retome alguns deles, vale-se de outros, mostrando, justamente, um lado inovador:

*oto kawé'po*, "a carapaça de automóvel", a carroceria;  
*olosi tulu'po*, "o coração do relógio", o mecanismo;  
*alakaposa tapulu*, "o calcanhar da espingarda", a coronha.

Outros nomes de partes de um todo comportam uma carga semântica fraca ou geral, que lhes assegura uma carreira neológica importante:

*pila epî*, "o suporte da vela", o mastro;  
*sipi epî*, "o suporte da rede", o bastão;  
*talapu epî*, "o suporte da escada", o montante;  
*talala epî*, "o suporte da bicicleta", o chassi da bicicleta;  
*oto epî*, "o suporte do automóvel", o chassi do automóvel.

A composição é um tipo raro de lexicalização, mas constitui um dos neologismos mais empregados do vocabulário do contato:

*palanakîî*, "o espírito do mar", o branco;  
*palana*, "mar"; *akîî*, "espírito".

## Os neologismos de sentido

Definidos pelo "aparecimento de uma significação nova no âmbito de um mesmo segmento fonológico" (Guilbert, 1975, p.64), os neologismos semânticos são criados a partir de vários mecanismos:

- transposições metonímicas, como as relações entre a parte e o todo:

*talala* "roda" > "bicicleta, automóvel"

entre matéria e objeto:

*akawanau*, "ferro estanhado" > "lata de conserva"

entre conteúdo e continente:

*labyemenpo*, "pequena quantidade de cerveja" > "lata de cerveja"

- transferências metafóricas:

*pîîmoko*, "libélula" > "helicóptero";

*weliki*, "sujeira" > "estopa";

*mapili*, "inseto" (sp.) > "paus" (naipe de baralho).

Esse tipo de neologia desempenha um papel importante nos seguintes casos:

- quando ocorre uma transformação do referente:

*sipolĩ*, “presidiário” > “velho branco”;  
*nunon*, “mês lunar” > “mês do calendário”.

- quando serve para designar uma ação que pode ser assimilada a um comportamento tradicional:

*wotasipoka*, “arrancar a própria barba”, barbear-se;  
*anokĩ*, “afiar as pontas de flecha de madeira”, polir;  
*laka*, “fender”, cortar longitudinalmente;  
*asiwoka*, “saciar”, encher um pneu.

- quando é utilizado em denominação expressiva:

*kubisa*, “cupim, cupinzeiro”, um Crioulo, um Negro *maroon* (designação pejorativa ou familiar);<sup>13</sup>

*pituku*, “pássaro” (sp.), um guarda (cujo quepe apresenta uma faixa branca, como a testa deste pássaro).

Existe um tipo de neologia que se aparenta formalmente à neologia semântica, mas que não corresponde ao procedimento de formação descrito acima:

*kuliyala* em seu sentido de automóvel não representa um deslizamento semântico a partir de *kuliyala*, “canoa”, mas o resultado do desaparecimento do uso do determinante: *palanakiĩ kuliyalalĩ*, “a canoa dos brancos”, o automóvel.

## Estruturação de alguns campos semânticos

Os campos semânticos ou léxicos são definidos a partir de microcampos de experiência tirados da realidade do contato vivido pelos locutores kali’na. Sua análise pretende isolar as relações existentes entre os diferentes signos que os compõem e os traços semânticos escolhidos para conceitualizar essa experiência, completando os dados que a análise das estruturas etimológicas dos neologismos acaba de nos fornecer.

Trata-se de um procedimento semelhante ao seguido por Dorais (1977) em seu estudo do léxico moderno Inuit, embora diga respeito unicamente à denominação de objetos, ao contrário daquele no qual se baseia este trabalho.

<sup>13</sup> Após o contato com os Negros *maroons*, informa Kloos (1971), os Kali’na se apropriaram da crença destes de que as térmitas são espíritos potencialmente nefastos.

## A caça

A experiência da caça, entre os Kalí'na, faz parte de um campo de atividade tradicional, valorizado, mas de importância econômica reduzida. A caça com arco já não é mais praticada e os homens, mesmo quando não pretendem caçar, carregam suas espingardas e frequentemente retornam de mãos vazias.

O vocabulário moderno da caça constitui-se de neologismos pertencentes às várias classes etimológicas.

### *Empréstimos*

*alakaposa*, do espanhol *arcabuz*, "espingarda";  
*kukulu*, do crioulo surinamense *koegro*, "bala de espingarda";  
*kartuç*, do francês *cartouche*, "cartucho";  
*kulupala*, do espanhol *polvora*, "pólvora";  
*piloto*, do espanhol *plomo*, "chumbo";  
*baget*, do crioulo guianense *baget*, "escovilhão";  
*labalet*, do crioulo guianense *labalet*, "estilingue".

### *Neologismos de forma*

*alakaposa maliki'totopo*, "o que serve para juntar numa linha", a mira;  
*alakaposa so'katopo*, "o que serve para tirar virando", o ejetor;  
*emotopo*, "o que serve para atirar", o gatilho;  
*alakaposa kolokatopo*, "o que serve para esfregar a espingarda", o escovilhão;  
*alakaposa tali'totopo*, "o lugar onde se enche a espingarda", a câmara de combustão;  
*alakaposa tano*, "o que está dentro da espingarda", o cartucho;  
*alakaposa potali*, "a boca da espingarda", o cano da espingarda;  
*alakaposa nulu*, "a língua da espingarda", o gatilho;  
*alakaposa amoti*, "o suporte curvo da espingarda", a bandoleira;  
*alakaposa uwenpo*, "o ventre da espingarda", o fuste da coronha;  
*alakaposa tapulu*, "o calcanhar da espingarda", a coronha;  
*alakaposa moli*, "o ruído da espingarda", a detonação;  
*alakaposa kaletali*, "o papel da espingarda", o registro;  
*piloto siki*, "o chumbo em pequenos elementos", chumbinho;  
*piloto sakalala*, "o chumbo em grandes elementos", chumbo grosso.

## Neologismos de sentido

*atalo wɨtolɨ*, "ir caçar com arco" > "caçar com espingarda";  
*talɨ'to*, "encher um recipiente" > "carregar uma arma de fogo";  
*emokɨ*, "lançar uma flecha" > "dar um tiro";  
*moluwa*, "trovejar" > "detonar";  
*tɨnka*, "distender um arco" > "distender um estilingue".

Os objetos introduzidos são designados por meio de empréstimos, mas descritos com o auxílio de neologismos de forma que os definem por seu papel (agente, instrumento), localização, pertença a um todo ou especialização. Os neologismos de sentido constituem uma classe semântica e gramatical, a dos verbos que traduzem uma ação. Esta, percebida como ação já conhecida, é descrita por um verbo pertencente ao léxico tradicional, que não é, necessariamente parte do domínio da caça. Faz-se, portanto, uma distinção no tratamento de coisas e ações no campo semântico ligado à experiência da caça, mas, qualquer que seja o procedimento utilizado, os neologismos partilham uma integração completa na língua.

Lembremos a integração da espingarda na categoria semântico-gramatical da posse em que chega até a partilhar o significante do inalienável *ɨlapaɨ*, "meu arco, minha espingarda"; observemos a descrição da espingarda por meio de nomes de partes do corpo, um dos princípios fundamentais de organização em kali'na; atentemos, finalmente, para a evocação das ações de caça com arco, e deduziremos que a inovação trazida pela introdução da espingarda não desestruturou o campo semântico relativo à caça.

## A pesca

A pesca, campo de experiência tradicional entre os Kali'na, representa uma atividade econômica essencial. A rede de pesca e o motor de popa introduzido em meados do século XX e cuja utilização conjunta permite pescar em grande escala (o meio marinho regional é muito rico) trouxe uma grande transformação tecnológica que permitiu aos Kali'na inserir-se na economia de mercado.

Seu vocabulário divide-se pelas seguintes unidades:

## Empréstimos

*peçe*, do francês *pêcher*, "ato de pescar com rede";  
*peçoer*, do francês *pêcheur*, "pescador com rede";  
*fisman*, do crioulo surinamense *fis'man*, "pescador profissional";  
*fisiboto*, do crioulo surinamense *fis'boto*, "barco de pesca";

*palan*, do crioulo guianense *palan*, "espinel";  
*alopon*, do francês *harpon*, "arpão";  
*sipi*, do crioulo surinamense *sipi*, "rede de pesca";  
*talamai*, do francês *travail*, "tarrafa";  
*kutin*, do francês *courtine*, "tipo de rede de pesca";  
*folet*, do francês *folette*, "tipo de rede de pesca";  
*koluku*, do crioulo surinamense *korkoe*, "bóia";  
 (variante: *buçonî*, do francês *bouchon*);  
*bul*, do francês *boule*, "bóia de vidro";  
*nala*, do crioulo surinamense *nala*, "lançadeira";  
*goli*, do francês *gaule*, do crioulo guianense *goli*, "rede para apanhar camarões";  
*baksi*, do crioulo surinamense *baksi*, "nassa".

### *Neologismos de forma*

*peçe pokono*, "o que está ocupado na ação de pescar", o pescador;  
*kowai amotî*, "o suporte curvo do anzol", a linha;  
*kowai epî*, "o suporte duro do anzol", a vara de pescar, o caniço;  
*sipi epî*, "o suporte duro da rede", o bastão de rede;  
*sipi esipilî*, "a borda da rede";  
*sipi enulu*, "o olho da rede", a malha da rede;  
*sipi enulu ka'topo*, "o que serve para fazer a malha da rede", a lançadeira.

### *Neologismos de sentido*

*pilîwa*, "flecha" > arpão;  
*akusa*, "agulha" > "agulha (para tecer rede)";  
*woto u'ku*, "pescar" > "pescar com vara".

Alguns termos têm etimologias ainda obscuras, como *sîîsîî*, "linha de mão", e *tîlepon*, "bóia". *Kowaj*, "anzol", é um caso à parte. Embora os exemplares de metal tenham sido introduzidos, o anzol parece ser um elemento cultural tradicional (Kloos, 1971), e sua etimologia, provavelmente, se refere ao sentido de "curvo".

O número de empréstimos é importante neste domínio. São empregados para designar objetos introduzidos, bem como novas técnicas. A introdução tecnológica mais antiga parece ser o espinhel (Ibidem) e a mais recente é a rede de pesca. Entre as várias palavras que se referem a redes, é preciso notar que *sipi* assumiu um sentido genérico, e a especialização é denotada pela extensão do número de empréstimos.

Os neologismos de forma descrevem os objetos segundo os mesmos princípios que já comentamos. Note-se, entretanto, o aparecimento da palavra *peçe pokono*, “pescador”, que define não um objeto, mas uma nova função. Os neologismos de sentido referem-se a algumas unidades, na verdade, pouco utilizadas, pois têm um equivalente emprestado. O caso de *u’ku* é diferente. Designa uma ação, a de pescar, mas limitada ao caso em que os peixes são apanhados um a um (o sentido primeiro de *u’ku* é “contar”); restrita à pesca tradicional, a palavra não se aplica à pesca com rede.

Existe um sintagma verbal genérico *woto apilî*, “pegar peixe”, mas para denominar a nova técnica de pesca, praticada com a rede e que permite pegar grandes quantidades de peixe, a língua criou uma nova unidade a partir do empréstimo verbal *peçe* (cuja inserção morfossintática foi descrita acima).

Se os objetos são integrados à língua de forma homogênea, como *sipi*, “rede de pesca” (exceto no que diz respeito à especialização em vários tipos de rede), constata-se um tratamento diferencial entre as ações ligadas a uma atividade conhecida e as que marcam uma mudança cultural. Assim, a língua introduziu no campo semântico da pesca um novo recorte referencial.

Quando se comparam os dois campos léxicos, caça e pesca, percebe-se, enfim, uma interpretação diferente da experiência da introdução de novas tecnologias; uma trata a nova tecnologia como prolongamento da tradicional, a segunda a apresenta como um fato que lhe é irreduzível.

## O automóvel

Para um observador de fora, o campo de experiência do automóvel é totalmente estranho à cultura tradicional *kali’na*. O percurso pelo qual foi denominada apresenta, entretanto, uma certa hesitação em como representá-la entre elementos tradicionais e emprestados. De fato, três tipos de neologismo disputaram sua designação:

*palanakîî kuliyalî*, “a canoa dos brancos”;  
*potosu talala*, “a grande roda”;  
*loto* ou *oto* > empréstimo do crioulo guianense ou do francês *auto*.

No primeiro caso, o automóvel é percebido como uma espécie de canoa e aparece no paradigma seguinte:

*kuliyala*, “canoa”;  
*palanakîî kuliyalî*, “a canoa dos brancos”;  
*kawono kuliyala*, “a piroga do alto”, o avião.

Certos elementos de seu campo léxico se referem a isso:

*untîma*, “conduzir uma embarcação” > “dirigir um veículo”;

*isimonalé*, “seu leme” > “volante”;  
*aponé*, “seu banco” > “assento”.

No segundo caso, o automóvel é percebido como algo que roda; o que aparece na série:

*talala*, “disco metálico utilizado para formar o beiju de mandioca sobre a placa de cozimento, roda”;  
*talala*, “bicicleta”;  
*talalamenpo*, “a pequena roda”, carrinho de mão;  
*potosu talala*, “a grande roda”, automóvel.

No terceiro caso, é introduzido na língua kali’na com o nome que a designa na sua cultura de origem, com variações regionais na forma.

À medida que o automóvel vai entrando na realidade kali’na, a utilização de *kuliyala* tende a desaparecer. Essa dissociação parece estar ligada ao fato de que o automóvel (ou qualquer outro veículo terrestre, como o ônibus) tende a se tornar um meio de transporte, enquanto a canoa tende a se especializar na função pesqueira. A partir do momento em que deixou de ter suporte na experiência, falhou a tentativa de assimilação do automóvel a uma canoa.

Na concorrência entre *potosu talala* e *oto*, constata-se que esses neologismos seguem o movimento geral do vocabulário contemporâneo que fixa a inovação na cultura com o seu nome de origem. Desse percurso sinuoso de denominação, o automóvel guarda um aspecto heterogêneo em sua descrição. Seus elementos podem referir-se a partes do corpo, *oto inkanalé*, “costas do automóvel” (carroceria), a partes da casa, *oto auté*, “madeiramento do automóvel” (também carroceria), ou a um instrumento musical, *sinan*, “flauta” (buzina)...

## Dinamismo lingüístico e resistência cultural

Para denominar os elementos da experiência do contato, a língua kali’na lança mão, basicamente, de três tipos de neologismos: empréstimos, neologismos de forma e neologismos de sentido. A relação entre referentes e signos linguísticos e as relações entre esses vários signos dentro de alguns campos semânticos permitem isolar elementos de motivação nessas escolhas e dar uma idéia da “abordagem” cultural do contato dos falantes dessa língua.

A repartição entre empréstimos, neologismos de forma e neologismos de sentido não se realiza do mesmo modo quando se trata de denominar seres, objetos ou ações. Sem importância significativa nos primeiros casos, a neologia de sentido assume todo o seu valor quando se trata de denominar ações. Seu emprego conota uma atividade que se inscreve no campo do conhecido, ao passo que a utilização de empréstimos nesse mesmo caso demonstra que a experiência à qual se faz referência continua sendo percebida como nova, alógena, qualquer que seja seu grau de integração sociocultural aparente.

*simeloya*, “eu desenho” > “eu escrevo” (o grafismo e sua relação com elementos de sentido não são novos em kali’na)

*silesimae*, “eu leio” (empréstimo do crioulo surinamense)

A escolha entre empréstimos e neologismos de forma passa, inicialmente, por uma fase de transição, durante a qual as várias designações são concorrentes. Nessa faixa instável do vocabulário, várias formas descritivas (*lexias*) desempenham um papel de citação, antes de darem lugar ao empréstimo. Vários exemplos desse emprego preferencial podem ser citados em *kali’na*:

*takosolen* ou *takepulen*, “o que faz espuma”, cerveja;  
*labye*, empréstimo do crioulo guianense;  
*suman epinonen*, “aquele que cura as pessoas”, médico;  
*doktoer*, empréstimo do francês *docteur*, médico.

Essa tendência descrita por Lacroix (1970) para as inovações técnicas vindas de fora e citada igualmente por Rey-Debove (1976), referindo-se ao número infinito de paráfrases como correspondendo a uma etapa pré-classificatória, não se encontra, entretanto, em toda parte, já que a língua *inuit*, por exemplo, não apresenta essa evolução, privilegiando as formas descritivas.

Na língua *kali’na*, as partes estabilizadas do léxico, ou seja, a repartição entre os empréstimos e os neologismos de forma, obedecem a um princípio classificatório. Os objetos ou seres são geralmente introduzidos na língua com seu nome de origem (*vimos*, ademais, que essa origem apresentava algumas variantes, dependendo da língua de contato); em seguida são descritos por meio de *lexias* seguindo os princípios classificatórios do *kali’na*, selecionando-se traços funcionais ou estruturais (parte do todo, especialmente partes do corpo) ou distintivos (especialização):

*tapala*, “mesa” do espanhol *tabla*, tábua;  
*tapala apitopo*, “o que serve para segurar a mesa”, a travessa;  
*tapala enpatali*, “o rosto da mesa”, o tampo;  
*tapala saili*, “a perna da mesa”, os pés da mesa;  
*patele*, “garrafa” do crioulo surinamense *batra*;  
*patele enasalí*, “o pescoço da garrafa”, o gargalo;  
*patele wesepilí*, “o traseiro da garrafa”, a base da garrafa;  
*patele tipipaken*, “a garrafa, a que é chata”, garrafinha para whisky;  
*patele tokusikusiken*, “a garrafa, a que é estrangulada”, garrafa de gargalo fino;  
*lanti*, “governo/administração” do crioulo surinamense *lanti*;  
*lanti pokono*, “o que trata da administração”, funcionário.

Mas, na medida em que a língua se presta facilmente à descrição, o que a leva a preferir o empréstimo? Pode-se evocar a familiaridade já existente com o procedimento do empréstimo. De fato, o léxico tradicional apresenta vários exemplos de trocas lingüísticas com outras línguas indígenas, especialmente *arawak* e *tupi*. Deve-se lembrar, também, a concepção *kali’na* da linguagem, chamada de “realista” por Queixalos (1989, p.12), comentando esta frase de Goeje: “Os *Kali’na* dizem que ... as palavras de sua língua são adequadas às coisas”.

As atitudes sociolingüísticas são, na verdade, bastante variáveis. Certos falantes preferem não utilizar empréstimos não integrados, outros criam neologismos de forma, conscientemente, para substituir os empréstimos, outros ainda usam a imaginação para encontrar belos neologismos de sentido. Mas podem-se perceber linhas gerais. Nota-se, assim, uma relação com a língua kali'na como marcador de identidade, uma relação com o francês como língua de prestígio e, no passado, uma relação com as línguas crioulas do Suriname e da Guiana como línguas de troca, especialmente de objetos importados.

Os empréstimos lingüísticos correspondem de perto às práticas sociolingüísticas. O plurilingüismo kali'na, como mostra o estudo do léxico, revela as atitudes sociais desse povo em relação às diversas populações em contato e as mudanças que se produzem: aprendizagem e utilização constante das línguas crioulas, fora de qualquer esquema formal, aprendizagem escolar mais recente do francês, obrigatória, difícil, mas atualmente desejada. Até recentemente, as populações crioulas foram a chave dos intercâmbios sociais e econômicos. A mudança dessa situação histórica repercute de modo perceptível na língua e práticas lingüísticas recentes. O Kali'na abriu bastante o seu léxico às palavras estrangeiras mas, ao mesmo tempo que as integrava profundamente em suas estruturas lingüísticas, continuou a considerá-las como palavras "estrangeiras". Atualmente, a tendência parece ser a de tomar emprestadas as palavras em sua forma fonológica de origem, demonstrando aí uma maior familiaridade com o francês e a vontade de evidenciá-la.

Para concluir, dois exemplos ilustram a definição de estratégias lingüísticas no contato. Foram impostos aos Kali'na nomes de batismo e sobrenomes franceses, atualmente utilizados não apenas como referência, mas também como vocativos, ocupando, assim, um lugar cada vez mais importante. Algumas pessoas respondem a isso substituindo nomes de forma francesa por nomes kali'na. Estes se conformam ao modo de utilização ocidental, mas sua especificidade representa uma reivindicação de pertencer à comunidade kali'na.

Um dos mais recentes neologismos é o nome que os Kali'na de uma aldeia do baixo Mana deram à sua primeira cooperativa de pesca: *wotocop*. A partir de uma estrutura gramatical kali'na (determinação possessiva acarretando a ordem determinante-determinado dos elementos), essa lexia junta uma palavra kali'na, *woto*, "peixe", e uma palavra francesa, *coopérative* (abreviada para *cop*), ela mesma tratada de modo a chamar a atenção.

Conservar sua autonomia, apropriar-se de estruturas criadas pelos brancos é uma estratégia não apenas lingüística, como também política, administrativa e econômica. Desse modo, os Kali'na criaram associações, possuem representantes nas instâncias políticas oficiais da Guiana Francesa, administram um município e tentam inserir-se nos circuitos econômicos regionais, não mais esporádica e individualmente, mas de modo permanente e formal. Essa atitude pragmática parece ser a pedra de toque de sua resistência cultural e política num meio social cada vez mais complexo.

Kloos (1985) sublinhou também a importância dessa atitude em sua descrição dos aspectos sincréticos das crenças religiosas dos Kali'na do baixo Maroni. Tais crenças, constituídas pela combinação de elementos tradicionais kali'na, cristãos e crioulos do Suriname, revelam, por meio de uma estreita relação entre doença e religião, a busca de uma eficácia próxima à que orienta as estratégias da apropriação pragmática que acabamos de comentar.

O tratamento lingüístico dado pelos Kali'na às práticas e coisas introduzidas pelo contato apresenta, então, uma imagem própria, bem diferente daquela pela qual os Matis expressam sua apreensão, ou daquela pela qual os Malinche manifestam uma tática de enfrentamento. Por meio dela os Kali'na demonstram uma vontade de se apropriar da realidade dos fatos do contato num código cultural que lhes é específico. Nesse contexto, o domínio lingüístico constitui, manifestamente, um campo crucial dessa estratégia.

## Convenções gráficas

A transcrição dos exemplos kali'na é basicamente fonológica. Seguem as regras ortográficas da grafia proposta na Guiana Francesa ("Déclaration de Bellevue", 1997).

### Consoantes

A maior parte das consoantes pronuncia-se aproximadamente como as do português, com as seguintes particularidades:

- *b, d, g, k, m, n, p, t, e w* são palatalizadas quando seguem a vogal *i*; essa palatalização é anulada quando a consoante é igualmente seguida de um *i* (as pronúncias particulares são indicadas na lista abaixo em segunda posição);
- *s* é palatalizada em todos os casos;
- *l* é às vezes pronunciada como um *r* ao lado de um *i*;
- *n* é velarizada em final absoluto e antes de *g*;
- *w* pronuncia-se *ɥ* junto a um *i* ou a um *e*;
- *p* tem freqüentemente uma pronúncia sonora *b* na posição intervocálica;
- *t* tem freqüentemente uma pronúncia sonora *d* na posição intervocálica;
- *k* tem freqüentemente uma pronúncia sonora *g* na posição intervocálica;
- os grupos de consoantes *np, nt, nk* pronunciam-se respectivamente *mb, nd, ng*
- *b* pronuncia-se como em português **bom** ou **biografia**;
- *d* pronuncia-se como em português **doce** ou **diamante**;
- *f* pronuncia-se como em português **fim**;
- *g* pronuncia-se como em português **gordo** ou **pode**;
- *h* pronuncia-se como em inglês **home**;
- *k* pronuncia-se como em português **caju** ou **noite**;
- *l* pronuncia-se como em português **luz** ou **carioca**;
- *m* pronuncia-se como em português **mar** ou **miolo**;
- *n* pronuncia-se como em português **noite** ou **vinho** ou em inglês **camping**;  
(sem equivalente em final);

- *p* pronuncia-se como em português **p**ano ou **pi**açaba;
- *s* pronuncia-se como em português **s**eringa ou em alemão **ich**;
- *t* pronuncia-se como em português **t**om ou **parte**;
- *w* pronuncia-se como em português **á**gua ou em francês **nuit**;
- *y* pronuncia-se como em português **ra**ia;
- ' é uma oclusão glotal.

## Vogais

As vogais pronunciam-se aproximadamente como as do português, com as seguintes particularidades:

- *e* e *o* são abertas quando seguidas por duas consoantes intervocálicas ou uma consoante final;
- *a* pronuncia-se como em português **chá**;
- *e* pronuncia-se como em português **cabelo** ou **meta**;
- *i* pronuncia-se como em português **ilha**;
- *ɨ* (não tem equivalente, a pronúncia fica entre o **i** e o **u**);
- *o* pronuncia-se como em português **avô** ou **avó**;
- *u* pronuncia-se como em português **tudo**.

Os exemplos em língua crioula da Guiana são escritos com o alfabeto proposto pelo Centre d'Études et Recherches en Espace Créolophone (GEREC), que pode ser consultado, por exemplo, em Bernabe (1987).

Os exemplos em sranan tongo são escritos com o alfabeto utilizado no *Woordenlijst, Sranan, Nederlands, English* (1980).

## Referências bibliográficas

- AHLBRINCK, W. *L'Encyclopédie des Caraïbes*. Paris: I.G.N., 1956.
- BASTIDE, R. *Le proche et le lointain*. Paris: Cujas, 1973.
- BERNABE, J. *Grammaire créole, Fondas Kréyol-la*. Paris: L'Harmattan, 1987.
- BIET, A. Les Kali'nas: tableau véritable de leurs mœurs avec un vocabulaire de leur langue. Remanié et publié par A. Massé dans la *Revue de Linguistique*, 1896.
- BOYER, P. *Véritable relation de tout ce qui s'est fait et passé au voyage que Monsieur de Brétigny fit à l'Amérique occidentale*. Paris, 1654.
- DORAIS, L.-J. La structure du vocabulaire moderne de la langue inuit du Québec-Labrador. *L'Homme*, v.XVII, n.4, p.35-63, 1977.

- ERIKSON, P. Dans ma langue mais pas dans ma maison. À propos de l'introduction des objets manufacturés dans le lexique et le quotidien des Indiens Matis, langue pano, Rio Ituí, Amazonas, Brésil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS AMERICANISTAS, Amsterdã, 1988.
- GOEJE, C. H. de. *Philosophie, initiation et mythes des indiens de la Guyane et des contrées voisines*. Paris: I.G.N., 1955
- GRENAND, P., GRENAND, F. *Les Amérindiens: des peuples pour la Guyane de demain*. Un dossier socio-économique. Cayenne: Orstom, 1990. (La Nature et l'Homme).
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HAGÈGE, C. *La structure des langues*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- HILL, J. H., HILL, K.C. *Speaking Mexicano*. Dynamics of Syncretic Language in Central Mexico. Tucson: The University of Arizona Press, 1986.
- KLOOS, P. *The Maroni River Caribs of Surinam*. Assen: Van Gorcum, 1971.
- \_\_\_\_\_. Syncretic features of contemporary Maroni River Carib religious belief. *Antropologica*, v.63-4, p.197-206, 1985.
- LACROIX, P. F. Cultures et langues africaines: les emprunts linguistiques. *Langages*, v.18, p.48-63, 1970.
- LECAILLON, J. F. *Résistance indiennes en Amérique*. Paris: L'Harmattan, 1989. (Horizon Amérique Latine).
- PELLEPRAT, *Relation des Missions des Pères de la Compagnie de Jésus dans les Isles et dans la terre ferme de l'Amérique méridionale. Divisée en deux parties avec une introduction à la langue des Kali'nas sauvages de la terre ferme de l'Amérique*. Paris, 1655.
- POTTIER, B. Le domaine de l'ethnolinguistique. *Langages*, v.18, p.3-11, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.
- QUEIXALOS, F. Les conceptions linguistiques des Indiens américains. In: AUROUX, S. (Org.) *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Pierre Mardaga, 1989. t.I, p.45-64.
- RENAULT-LESCURE, O. La composition nominale en Kali'na. *Amérindia*, v.8, p.17-38, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Évolution lexicale du Kali'na, langue caribe de Guyane française*. Travaux et Documents Microfichés Orstom, F 16. Paris: Orstom, 1985.
- REY-DEBOVE, J. Problèmes de sémantique lexicale. In: POTTIER, B. (Org.) *Sémantique et logique*. Paris: J.-P. Delarge, 1976. p.167-82.

Renault-Lescure Odile.

As palavras e as coisas do contato : os neologismos Kali'na  
(Guiana Francesa).

In : Albert B. (ed.), Ramos A.R. (ed.). Pacificando o branco  
cosmologia do contato no norte-amazonico. Sao Paulo :  
UNESP, 2002, p. 85-112.

ISBN 85-7139-355-9